

Adjuntos dependentes do ponto de perspectiva temporal

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLUL

Abstract

In this paper, the class of referentially dependent (deictic or anaphoric) temporal adjuncts is split into two major subclasses: those whose interpretation requires a systematic association with the temporal perspective point (TPpt) of the sentence in which they occur, and those lacking that requirement. Among the former, *agora*, *desde*-phrases and durational *haver*-phrases stand out. It will be shown that these Portuguese TPpt-dependent adjuncts may also occur in tenseless structures with propositional content, a fact that seems to indicate that all propositional structures – irrespective of the presence of a verb – may involve a TPpt. TPpt-selection mechanisms for tenseless structures, which are comparatively more complex and have a few grammatical specificities, will be discussed in some detail.

Keywords: time adjuncts, temporal perspective point, tense, anaphora, deixis.

Palavras-chave: adjuntos temporais, ponto de perspectiva temporal, tempo verbal, anáfora, dêixis.

1. Adjuntos dependentes do ponto de perspectiva temporal: uma subclasse de adjuntos temporais referencialmente dependentes

Muitos adjuntos temporais são referencialmente dependentes, tendo uma interpretação dêictica ou anafórica, como acontece com os seguintes exemplos¹:

- (1) *agora, então, hoje, na altura, à data, ao tempo, nesse dia,*
neste espaço de tempo, entretanto, há dois anos, daí a pouco, desde 1980

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 478-495, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Por facilidade, concentrar-me-ei, neste texto, nos genuínos adjuntos temporais, i.e. expressões que ocorrem em posição adverbial ou adnominal (como *agora*, em *cheguei agora* ou *a construção da ponte agora seria um erro*, respectivamente). Porém, as expressões denotadoras de intervalos, que ocorrem em posição nominal (como *agora*, em *estive a trabalhar até agora* e *agora é o momento de intervir*, ou *essa altura*, em *tudou mudou a partir dessa altura*), apresentam propriedades comparáveis. Como se pode verificar, a expressão *agora* ocorre nas duas posições; as expressões com *desde* e com *haver* (de duração) – que são centrais neste texto – ocorrem essencialmente como genuínos adjuntos.

Este tipo de expressões tem sido objecto de diversos trabalhos na literatura, destacando-se para o português Alves (2003). A meu ver, porém, não tem sido suficientemente sublinhado nem explorado o facto de que, num subconjunto destes adjuntos, a interpretação requer sistematicamente a associação a um ponto de perspectiva temporal (PPT), no sentido (Reichenbachiano) de Kamp e Reyle (1993). Designá-los-ei doravante como **adjuntos dependentes do ponto de perspectiva temporal**.

O exemplo clássico (que podemos de certa maneira considerar prototípico) é o do inglês *now*, que – como Kamp e Reyle (1993) assumem – denota sempre, directamente, o ponto de perspectiva temporal². O seu equivalente português, *agora*, parece ter um comportamento semelhante:

- (2) a. **Agora**, *estou* satisfeito. [DÊICTICO]
 b. A Ana convenceu o Paulo a deixar de fumar. **Agora**, *estava* satisfeita.
 [ANAFÓRICO]

Como se pode verificar, e é crucial enfatizar, a expressão *agora* pode ter uma interpretação dêictica ou uma interpretação anafórica, sendo esta totalmente previsível a partir do tempo verbal. Assim, em (2a), com o presente do indicativo, *estou*, o adjunto refere o momento da enunciação. Já em (2b), com o pretérito imperfeito, *estava*, o adjunto assume um valor anafórico, referindo um momento passado contextualmente determinado (neste caso, pela primeira oração da sequência).

Seguem-se dois exemplos do *Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, que ilustram ocorrências de *agora* com valor anafórico (associado a pretéritos imperfeitos, destacados em itálico), que são porventura menos comuns que as ocorrências de *agora* com valor dêictico:

- (3) a. «(...) apenas alguns meses antes comentadores (...) punham em questão se a independência na segunda metade de 1948 não seria muito apressada. Mesmo até Abril de 1947, Mountbatten tinha dito aos governadores que Junho de 1948 era a data para a qual devia apontar-se. **Agora** a meta *era* 15 de Agosto de 1947.» (ext5854-pol-97b-2)
 b. «O professor Pinto Bull lembra-se de quando partiu do Senegal para a Sorbonne. Tinha já 40 anos e tinha sido obrigado a deixar a sua Guiné-Bissau natal para se refugiar no Senegal por razões políticas. **Agora** *partia* para França mas levava consigo a promessa de Leopold Senghor (...) que o ensino do Português seria instituído naquele país.» (ext240525-clt-soc-92a-1)

² Cf. Kamp e Reyle (1993: 595-597, 612): “our assumption that **now** always refers to the Temporal Perspective Point (TPpt)”. Exemplo dos autores, com *now* anafórico: *Mary had been unhappy in her new environment for more than a year. But now she felt at home* (op. cit.: 596).

Em português, há pelo menos dois outros adjuntos temporais – estrutural e semanticamente mais complexos – que parecem ter um comportamento semelhante de dependência sistemática do ponto de perspectiva, exibindo, portanto, dependência dêictica ou anafórica consoante o tempo verbal usado.

O primeiro que vou referir são os **adjuntos de duração ancorada com *haver*** (cf. Mória, 2006)^{3,4}, ilustrados nas frases seguintes:

- (4) a. A Ana *mora* em Lisboa **há quase vinte anos**. [DÊICTICO]
 b. A Ana foi viver para Roma em 2005. *Morava* em Lisboa **há/havia quase vinte anos**. [ANAFÓRICO]

Como se pode verificar, estes adjuntos identificam a duração que uma situação atética atinge no ponto de perspectiva temporal, sendo parafraseáveis por “com uma duração de *x-tempo* no momento da enunciação (PPT presente) ou num momento contextualmente determinado (PPT passado ou futuro)”. Neste caso, como acontece com *agora*, a interpretação – dêictica ou anafórica – é totalmente previsível a partir do tempo verbal. Assim, em (4a), com o presente do indicativo, *mora*, assume-se que a duração de quase vinte anos é atingida no momento da enunciação. Já em (4b), com o pretérito imperfeito, *morava*, assume-se que a duração é atingida num momento passado contextualmente determinado (neste caso, também pela primeira oração da sequência).

Seguem-se as condições formais de interpretação destes adjuntos na linguagem da Discourse Representation Theory (DRT), salientando-se a dependência do PPT na fórmula a negrito (cf. Mória, 2011b).

- (5) **Π *haver* X-TEMPO** (valor de duração ancorada)
 ev , [ev : Π], [$ev \circ TPpt$] (com $TPpt$ definido através do tempo verbal em Π),
 ev' , [$ev' \subseteq ev$], [$beg(ev') = beg(ev)$], [**end(ev') = $TPpt$**],
 [$dur(ev') = mt$], [$X-TIME(mt)$]

Um outro exemplo notável de dependência sistemática do PPT são os **adjuntos temporais com *desde***, que, como descrevi em trabalhos anteriores, podem ter quer um valor de localização simples – ilustrado em (6) – quer um valor de delimitação temporal da quantificação – ilustrado em (8) (cf. Mória, 2000, 2001). A interpretação relevante, em qualquer dos casos, pode ser parafraseada por “de um dado intervalo (definido pelo

³ Os adjuntos temporais com *haver* são ambivalentes, podendo igualmente ter um valor de denotação de intervalos/localização (caso em que se combinam com a partícula *atrás*, para o valor dêictico) – cf. e.g. Mória (1999, 2000, 2006). Com este valor, porém, parecem não ser necessariamente dependentes do PPT da frase (definido pelo tempo verbal); mais concretamente, podem ser dêicticos (identificando um intervalo medido a partir do momento da enunciação) quando o tempo é anafórico (e.g. pretérito imperfeito, que remete para um PPT passado). Veja-se (14) adiante.

⁴ O verbo *haver* assume normalmente a forma *há*, quer em estruturas com valor dêictico quer em estruturas com valor anafórico; a variante *havia*, mais formal e cada vez menos usada (cf. Mória, 2011a), é exclusivamente anafórica.

complemento de *desde*) até ao momento da enunciação (PPT presente) ou até um momento contextualmente determinado (PPT passado ou futuro)”.

(i) **valor de localização temporal (simples)**

- (6) a. A Ana *mora* em Lisboa **desde 1980**. [DÊICTICO]
 b. A Ana foi viver para Roma em 2005. *Morava* em Lisboa **desde 1980**.
 [ANAFÓRICO]

Novamente, a interpretação dêictica ou anafórica é totalmente previsível a partir do tempo verbal; em (6a), com o presente do indicativo, *mora*, a interpretação (dêictica) é que a situação se estende até o momento da enunciação; em (6b), com o pretérito imperfeito, *morava*, a interpretação (anafórica) é que a situação se estende até um momento passado contextualmente determinado (pela primeira oração da sequência).

Seguem-se as condições formais de interpretação dos adjuntos de localização temporal com *desde*, na linguagem da DRT (salientando-se a dependência do PPT na fórmula a negrito) – cf. Mória (2000):

(7) **Π desde X-INTERVALO** (valor de localização)

ev, [ev: Π], [ev \circ TPpt] (com TPpt definido através do tempo verbal em Π),
 [t \subseteq ev], [beg (t) \subseteq t'], [X-INTERVALO (t')], [**end (t) = TPpt**]

(ii) **valor de delimitação temporal da quantificação (sobre situações)**

- (8) a. A Ana *foi* ao Brasil três vezes **desde 1980**. [DÊICTICO]
 b. Falei com a Ana no final de 2001. Ela *tinha ido* ao Brasil três vezes
desde 1980. [ANAFÓRICO]

O mesmo que se disse acima acerca da interpretação de (6) é válido, *mutatis mutandis*, para a interpretação de (8), mas agora com o pretérito perfeito simples, *foi*, associado à interpretação dêictica e o pretérito mais-que-perfeito, *tinha ido*, associado à interpretação anafórica. Nestas frases, descreve-se a quantidade total de situações relevantes (idas da Ana ao Brasil) verificadas num intervalo que se estende de 1980 até ao momento da enunciação, em (8a), ou até um momento passado contextualmente determinado (pela primeira oração da sequência), em (8b).

Seguem-se as condições formais de interpretação dos adjuntos de delimitação temporal da quantificação com *desde*, na linguagem da DRT (com destaque a negrito para a fórmula que consubstancia a dependência do PPT) – cf. Mória (2000):

(9) [**$\Pi + \text{QNT}$**] **desde X-INTERVALO**

(valor de delimitação temporal da quantificação)

EV, [EV= Σ ev: [ev \subseteq t], [ev: Π]], [|EV| = QNT], [EV < TPpt],
 [beg (t) \subseteq t'], [X-INTERVAL (t')], [end (t) = TPpt]
 (com TPpt definido através do tempo verbal associado a Π)

Os três exemplos de adjuntos temporais referencialmente dependentes que acabámos de analisar – *agora*, expressões com *haver* e expressões com *desde* – contrastam com outros em que existe também dependência referencial (dêictica ou anafórica), mas em que esta não envolve necessariamente o ponto de perspectiva temporal da frase (definido pelo tempo verbal). Assim, com esta subclasse distinta – de **adjuntos não dependentes de PPT** –, é possível encontrar construções como, por exemplo, (10) a (14):

- tempo verbal presente ou pretérito perfeito simples (PPT presente) e adjunto não dependente do momento da enunciação

(10) A Ana visitou o Haiti depois do terramoto. *Sente-se* uma pessoa diferente **após essa experiência**.

(11) A Ana licenciou-se em 1980 e doutorou-se em 1985. **Entretanto**, o conhecimento científico *avançou* muito. (dado como exemplo de “anáfora independente do TPpt” em Alves 2003: 232)

(12) Em 1976, o Igor decidiu vir para Portugal. *Casou* **nesse ano**.

(13) Em 1976, o Igor decidiu vir para Portugal. *Ficou* em Lisboa **até 1980**.

- tempo verbal pretérito imperfeito (PPT passado) e adjunto dependente do momento da enunciação

(14) **Há seis anos (atrás)**, o Paulo *era* director deste museu.

Como se pode observar, em (10) a (13), existe um tempo verbal presente ou pretérito perfeito simples (isto é, um tempo dêictico), sem que o adjunto dependa de (ou remeta para) o momento da enunciação. Inversamente, em (14), existe um tempo verbal anafórico (pretérito imperfeito), mas com o adjunto a depender do momento da enunciação (e não de um momento anaforicamente determinado); note-se, com efeito, que a expressão *há seis anos (atrás)* tem interpretação dêictica, uma vez que mede tempo a partir do momento da enunciação. Em suma, adjuntos como os ilustrados em (10) a (14) – *após essa experiência, entretanto*⁵, *nesse ano, até 1980* e *há seis anos (atrás)* – não são da subclasse em apreço nesta comunicação (adjuntos

⁵ Pelo menos, no sentido aqui apresentado; para outras interpretações, cf. Alves (2003: 231-232).

[sistematicamente] dependentes do PPT), na medida em que podem não remeter para o mesmo ponto de perspectiva que o tempo verbal da frase em que ocorrem⁶.

2. Duas questões preliminares

Para bem enquadrar a análise semântica dos adjuntos dependentes do PPT, é necessário considerar pelo menos duas questões prévias essenciais, que enunciarei muito brevemente nas subsecções seguintes.

2.1. Dependência entre ponto de perspectiva temporal e tempo verbal

A primeira diz respeito à dependência – normalmente assumida – entre o conceito de ponto de perspectiva temporal e o tempo verbal. Com efeito, de acordo com as referências clássicas da literatura (cf., entre outros, Kamp e Reyle, 1993⁷, ou Peres, 1993, para o português), os pontos de perspectiva temporal são definidos sempre através do tempo verbal (*tense*) das orações, que podem conter ou não adjuntos temporais.

Os valores geralmente assumidos para os tempos verbais do português estão explicitados no Quadro 1.

		LOCATIVA TEMPORAL RELATIVA AO PONTO DE PERSPECTIVA TEMPORAL			
		ANTERIORI- DADE	SOBREPOSIÇÃO	POSTERIORI- DADE	
PONTO DE PERSPECTIVA TEMPORAL (TPpt)	PRESENTE [TPpt = n]	pretérito perfeito simples	presente	futuro imperfeito	DÊICTICO
	PASSADO [TPpt < n]	pretérito mais-que-perfeito	pretérito imperfeito	condicional presente (<u>ou</u> futuro do pretérito)	ANAFÓ- RICO
	FUTURO [TPpt > n]	futuro perfeito	futuro imperfeito	futuro imperfeito	

Quadro 1. Valores básicos dos tempos verbais do português
(Modo Indicativo e Condicional Presente), baseado em Peres (1993)

⁶ As expressões temporais que funcionam como denotadores de intervalos em posições nominais (e não como genuínos adjuntos) apresentam uma distinção comparável: podem ser dependentes do PPT, como *agora* – cf. exemplos desta expressão em posições nominais, na nota 1 – ou podem ser independentes do PPT, como (o SN) *essa altura* – cf. sequência (com PPT presente, dado o uso de *ama*): *A Ana visitou Paris depois da guerra. Ama profundamente a cidade desde *essa altura*.*

⁷ Cf. e.g. a regra de construção de DRSs de Kamp e Reyle (1993: 610), onde a instrução «Choose TPpt» é exclusivamente dependente o traço verbal [TP = ± PAST].

Em frases com adjuntos temporais dependentes do PPT, é normal assumir que o ponto de perspectiva que o adjunto requer seja coincidente com o que o tempo verbal determina. Foi o que verificámos acontecer em todos os exemplos dados acima. Daí que as interpretações dêicticas ou anafóricas de *agora*, *há quase vinte anos* e *desde 1980* – em (2), (4) e (6)/(8), respectivamente – sejam exactamente as previstas em função do tempo verbal da frase em que estes adjuntos ocorrem.

2.2. Mecanismos de selecção de pontos de perspectiva temporal em orações principais (de acordo com a literatura)

A segunda questão prévia que importa referir diz respeito à forma como se seleccionam pontos de perspectiva temporal em orações principais, um tema que tem sido abundantemente discutido na literatura⁸. Simplificando muito, poderíamos distinguir as situações descritas esquematicamente a seguir.

A. Interpretação dêictica: PPT presente (i.e. momento da enunciação)

A escolha do momento da enunciação como PPT é determinada directamente através do uso de um tempo dêictico (ou absoluto), com ou sem associação a um adjunto temporal (como e.g. *neste momento* ou *actualmente*).

- (15) a. A Ana *está* a trabalhar (neste momento).
 b. A Ana *está* (actualmente) em Lisboa.

B. Interpretação anafórica: PPT não presente (passado ou futuro)

O uso de um tempo verbal anafórico (por exemplo, um pretérito imperfeito) desencadeia uma instrução para procurar no contexto textual um PPT não presente acessível. Podem então actuar essencialmente dois mecanismos.

B1. Definição de um PPT no interior da frase, através de e.g. adjuntos temporais, incluindo orações subordinadas temporais (que designarei **adjuntos definidores do ponto de perspectiva temporal**, sublinhados abaixo)

- (16) a. Às cinco horas, a Ana *estava* a trabalhar.
 b. Quando o Paulo entrou na sala, a Ana *estava* a trabalhar.

B2. Definição de um PPT fora da frase, i.e. discursivamente, através de uma oração imediatamente precedente ou próxima

⁸ Sobre algumas restrições sintácticas, semânticas e pragmáticas aos mecanismos de selecção relevantes, considerem-se trabalhos teóricos sobre a estrutura temporal do discurso, como e.g. Dowty (1986), Webber (1988), Bell (1991), Song e Cohen (1991), Hwang e Schubert (1992), Kamp e Reyle (1993), Lascarides e Asher (1993), Hitzeman *et al.* (1995), Mani *et al.* (2005).

(17) O Paulo entrou na sala. (Eram duas horas.) A Ana *estava* a trabalhar.

Feitas estas observações preliminares, passemos à secção que contém o tópico central deste trabalho.

3. Adjuntos dependentes do ponto de perspectiva temporal em estruturas de valor proposicional sem tempo verbal

Um facto bastante curioso e – tanto quanto sei – não descrito ou (pelo menos) aprofundado na literatura é que os adjuntos dependentes do PPT podem ocorrer em estruturas de valor proposicional sem verbo, ou com formas verbais não finitas (particípio, gerúndio, infinitivo). Ou seja, podem aparecer dentro de estruturas que não possuem tempo verbal. As construções relevantes estão esquematicamente apresentadas na Figura 1 e serão ilustradas adiante.

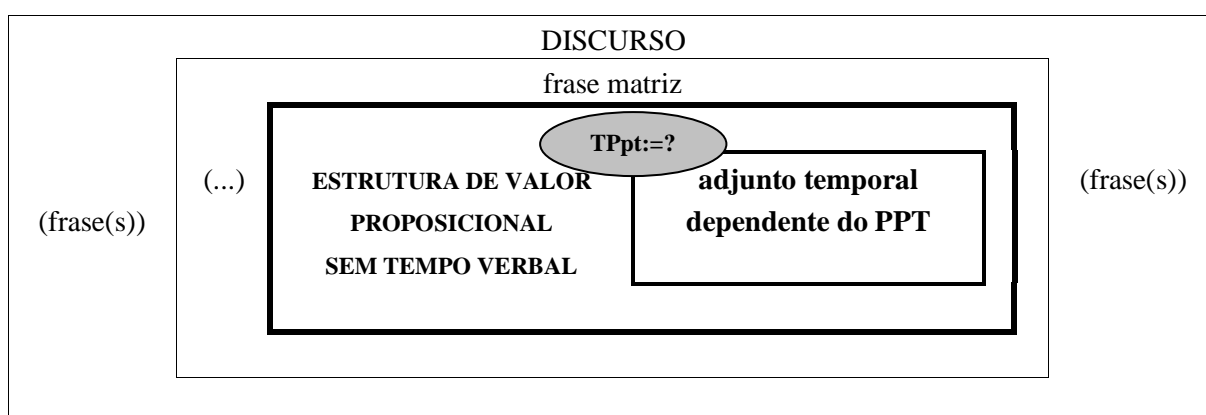


Figura 1. Estruturas de valor proposicional sem tempo verbal com adjuntos temporais dependentes do ponto de perspectiva temporal

Note-se que o interesse especial que a análise destas construções apresenta consiste em tornar evidente que o conceito (de inspiração reichenbachiana) de PPT, que foi pensado essencialmente para dar conta da interpretação dos tempos verbais (*tense*), é relevante mesmo para estruturas proposicionais sem tempo verbal (aliás, é relevante, como defenderei nas conclusões, para qualquer estrutura proposicional, independentemente da sua forma morfossintáctica).

Vejamos exemplos, retirados do *Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, que documentam a ocorrência dos três tipos de adjuntos discutidos na secção 1 (*com agora, haver e desde*), em interpretações dêicticas e anafóricas, nos vários tipos de construção relevantes. Por simplificação, darei apenas exemplos (i) com os três tipos de adjuntos em estruturas de valor proposicional sem verbo (i.e. aquilo que na terminologia de língua inglesa se costuma referir como *verbless clauses*) e (ii) com *desde* em estruturas participiais (sendo fácil encontrar exemplos paralelos com *haver e desde* em estruturas participiais ou com qualquer dos três adjuntos em construções gerundivas e infinitivas).

(i) adjuntos temporais dependentes do PPT em estruturas de valor proposicional sem verbo (*verbless clauses*)⁹

– dependência dêictica

- (18) a. «No culminar de uma carreira que teve tanto de brilhante como de polémica, o tenista norte-americano, **agora com quase 33 anos**, parece apostado em deixar uma imagem sem mácula na memória dos adeptos.» (ext762016-nd-92a-1)
- b. «O Partido Trabalhista britânico, **na oposição há 15 anos**, regista a maior subida de sempre nas sondagens (...) depois de Tony Blair ter sido eleito como novo líder.» (ext57169-pol-94b-3)
- c. «**Independente desde 1965**, (...) a Gâmbia é um dos mais pequenos países africanos.» (ext865923-pol-93b-1)

– dependência anafórica

- (19) a. «Corria já o século VII quando a cidade se viu reduzida a lembranças. Das suas ruas, **agora desertas**, tinham saído todos os passantes.» (ext1148557-clt-92b-2); «As campanhas contra o alcoolismo passavam (...) pela transformação dos hábitos e dos gostos. Visavam a reeducação dessa massa informe de gentes que aflui à cidade, vinda de diferentes regiões, e se amontoa em bairros pobres junto às fábricas e aos portos. Estas famílias **agora operárias** ficavam vulneráveis à «perversidade» que emanava das tabernas.» (ext810481-soc-95b-1)
- b. «Em confronto encontram-se duas facções bem distintas: os apoiantes da Junta, (...) que derrotou, nas últimas autárquicas, o PSD, **detentor do poder há muitos anos**; e os do padre Brito, na sua maioria pessoas (...) que (...) faziam parte da lista que perdeu as referidas eleições.» (ext247716-soc-97a-1)

⁹ Existem exemplos comparáveis em inglês – nomeadamente com *now* – embora, tanto quanto sei, eles não tenham sido discutidos na perspectiva gramatical que aqui está a ser adoptada. Em (i) e (ii), abaixo, estão dois exemplos de Quirk *et al.* (1985) com *now* (e uma ambivalência dêictico-anafórica, que os autores não exploram). Em (iii) e (iv), estão dois exemplos retirados do British National Corpus (BNC) e que parecem indicar uma leitura preferencialmente anafórica e uma leitura preferencialmente dêictica, respectivamente.

(i) Though **now frail**, they were quite capable of looking after themselves. (Quirk *et al.*, 1985: 997)

(ii) She glanced with disgust at the cat, **now quiet**. (Quirk *et al.*, 1985: 425)

(iii) «A moment later and he had reappeared, powerful arms folded across the expanse of muscular chest, with a **by now familiar** look of resigned impatience.» (BNC, HGT 1460)

(iv) «Reagan demanded a pull-back by the Israelis, with the **by now familiar** result.» (BNC, B7D 1681)

- c. «O século XVIII é para Veneza (...) um tempo de evidente perda de protagonismo (...). A conquista da República pelas tropas napoleónicas, a humilhação a que submeteram uma cidade **orgulhosamente independente desde a queda do Império Romano**, vieram pôr ponto final (...) a alguns séculos de originalidade artística (...).» (ext32269-nd-98a-2)

(ii) adjuntos temporais dependentes do PPT em estruturas participais

- dependência dêictica

(20) «(...) este sindicato ainda não conseguiu ser recebido pela ministra, o que não deixa de ser espantoso tendo em conta o tempo **decorrido desde a primeira audiência**.» (ext600-soc-95a-2)

- dependência anafórica

(21) «O corpo do irlandês Emmet Richard Roy, de 29 anos, **desaparecido desde dia 7 nas águas do rio Arade**, foi encontrado no sábado por mergulhadores dos Bombeiros Voluntários de Portimão e de Lagoa.» (ext3472-soc-97a-2)

4. Mecanismos de selecção do ponto de perspectiva temporal em estruturas de valor proposicional sem tempo verbal

As construções apresentadas na secção 3 colocam a seguinte questão (central) de análise gramatical, que considerarei na presente secção: tendo em conta (i) que a selecção de um ponto de perspectiva temporal em estruturas proposicionais sem tempo verbal se revela absolutamente necessária (por causa da possível presença de adjuntos dependentes do PPT) e (ii) que este ponto não pode ser estabelecido – como acontece nos outros casos – pelo (ou com auxílio do) traço TP do tempo verbal (que aqui é inexistente), *quais são os mecanismos de selecção do ponto de perspectiva temporal em estruturas proposicionais sem tempo verbal?*

Uma primeira observação, fácil de comprovar, é que a definição de pontos de perspectiva em estruturas sem tempo verbal parece ser mais complexa que nas orações plenas. Mais concretamente, parece estar disponível um maior número de estratégias ou mecanismos gramaticais para realizar a definição em causa¹⁰. Sem pretender apresentar aqui uma visão sistemática e completa das regras que determinam a selecção de PPT em estruturas de valor proposicional sem tempo verbal no português, observar-se-ão seguidamente algumas possibilidades merecedoras de registo. Por facilidade, considerarei separadamente as dependências anafóricas e as dependências dêicticas, nas duas subsecções seguintes.

¹⁰ É possível que construções com alguns subtipos de orações não finitas (e.g. orações completivas infinitivas) apresentem restrições específicas. Esse facto não será tido em consideração neste trabalho.

4.1. Dependências anafóricas (i.e. PPT não presente)

Como já foi dito, nas sequências com dependências anafóricas, a necessidade de procurar (no contexto) um ponto de perspectiva é desencadeada pela presença de um adjunto e não pela presença de um tempo anafórico. Existem pelo menos quatro possibilidades nos textos que analisei.

Mecanismo 1.

Definição do PPT no interior da estrutura de valor proposicional sem tempo verbal através de um adjunto definidor do PPT

A definição do PPT (não presente) é feita no interior da estrutura proposicional sem tempo verbal através de adjuntos temporais (incluindo orações subordinadas temporais), do tipo que acima designei adjuntos definidores do PPT. Note-se, marginalmente, que a mera possibilidade de as estruturas em causa incluírem adjuntos definidores do PPT demonstra o seu estatuto proposicional.

(22) *Em guerra {há trinta anos / desde 1980} quando a ONU interveio,*
o país está a enfrentar actualmente uma grave crise económica.

Neste exemplo, a estrutura proposicional sem verbo tem um PPT passado, definido por *quando a ONU interveio* e a oração matriz tem um PPT presente, conforme decorre do uso do presente, *está a enfrentar* (reforçado por *actualmente*). Este exemplo mostra que, no mecanismo 1, o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o da oração matriz não têm de coincidir; obviamente, tal coincidência pode verificar-se – e.g. se substituirmos *está a enfrentar actualmente* por *estava a enfrentar nessa altura*, na oração matriz.

Sublinhe-se que, na leitura relevante do exemplo (22), a oração com *quando* determina o PPT da estrutura proposicional sem verbo (indicando o ponto em que a guerra atinge a duração de trinta anos – na sequência com *há* – ou o ponto até ao qual se estende a guerra – na sequência com *desde*). Não é relevante aqui a leitura – que, aliás, preferencialmente requer uma vírgula antes de *quando* – em que a oração com este conector funciona como um aposto às expressões temporais *há trinta anos* e *1980* e pode ser parafraseada por “altura em que a ONU interveio”. A leitura relevante – que ilustra o mecanismo 1 – é comparável à que existe nas seguintes sequências, do *Corpus CETEMPúblico 1.7 v. 4.0*, com frases plenas:

(23) a. «Os cientistas deduzem desta semelhança que o vírus já estava a infectar os porcos **há um certo tempo** quando passou para a espécie humana.»
(ext49389-clt-97a-1)

- b. «*Já a quadrilha andava nisto há uns três meses quando (...) tiveram uma clientela inesperada: os agentes da PSP, que prenderam parte do grupo.*» (ext80604-soc-97a-1)
- c. «*[Willy Brandt] Era burgomestre de Berlim há quatro anos quando (...) Erich Honecker decidiu construir o muro que se tornou no símbolo da divisão da Europa.*» (ext120672-pol-95a-1).

Compare-se este último exemplo, com a seguinte estrutura sem verbo, do tipo de (22):

(24) *Burgomestre de Berlim há quatro anos quando (...) Erich Honecker decidiu construir o muro que se tornou no símbolo da divisão da Europa,*
Willy Brandt...

Mecanismo 2.

Definição do PPT directamente pela oração matriz mediante a descrição da situação nela contida

A definição do PPT (não presente) é feita directamente pela oração matriz através da descrição da situação nela contida.

(25) *Em guerra {há trinta anos / desde 1980},*
o país não resistiu e declarou a bancarrota. (Isto aconteceu o ano passado.)

Na interpretação relevante desta sequência¹¹, a estrutura proposicional sem verbo tem um PPT passado, coincidente com o tempo da situação descrita na oração matriz (i.e. o momento da declaração de bancarrota) e a oração matriz tem (discutivelmente) um PPT presente, conforme decorre do uso dos pretéritos perfeitos simples, *não resistiu* e *declarou*. Este exemplo mostra que, no mecanismo 2 (como, aliás, no mecanismo 1), o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o da oração matriz não têm de coincidir.

Mecanismo 3.

Definição do PPT pela oração matriz através de um adjunto temporal nela contido

A definição do PPT (não presente) é feita na oração matriz, através de adjuntos temporais (incluindo orações subordinadas temporais) nela contidos.

¹¹ Outra interpretação possível: PPT presente para a estrutura proposicional sem verbo – cf. possibilidade de explicitar esta interpretação dêictica: *Actualmente em guerra {há trinta anos / desde 1980}, o país não resistiu e foi à falência. Isto aconteceu o ano passado.*

(26) No ano 2000, em guerra {*há trinta anos / desde 1970*}, o país estava a enfrentar uma grave crise económica.

Nesta sequência, existe um PPT passado, que serve tanto a estrutura proposicional sem verbo como a oração matriz (com pretérito imperfeito, *estava a enfrentar*) e que é fixado pelo adjunto, em posição inicial, *no ano 2000*. Aparentemente, o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o PPT da oração matriz coincidem sempre, neste mecanismo.

Mecanismo 4.

Definição do PPT por meios discursivos

A definição do PPT (não presente) é feita por meios discursivos, isto é, o ponto de perspectiva é estabelecido por uma frase imediatamente precedente ou próxima da oração que contém a estrutura proposicional sem verbo.

(27) Visitei este país africano em 2000. (Fiquei muito impressionado.)
Em guerra {há trinta anos / desde 1970}, os cidadãos enfrentavam (na altura) uma grave crise económica.

Na interpretação relevante desta sequência¹², existe um PPT passado, que serve tanto a estrutura proposicional sem verbo como a oração matriz (com pretérito imperfeito, *enfrentavam*) e que é fixado pela primeira frase: *visitei este país africano em 2000*. Aparentemente, o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o PPT da oração matriz tendem a coincidir, neste mecanismo.

A Figura 2 abaixo apresenta um resumo esquematizado dos quatro mecanismos anafóricos utilizados para seleccionar pontos de perspectiva em estruturas proposicionais sem tempo verbal. As células sombreadas indicam as fontes possíveis dos pontos relevantes (as quais se encontram necessariamente em posições acessíveis).

¹² Outra interpretação possível: PPT presente para a estrutura proposicional sem verbo – cf. possibilidade de explicitar esta interpretação dêictica: *Visitei este país africano em 2000. (...) Actualmente em guerra {há trinta anos / desde 1970}, os cidadãos enfrentavam na altura uma grave crise económica*. Neste caso, o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o PPT da oração matriz não coincidem.

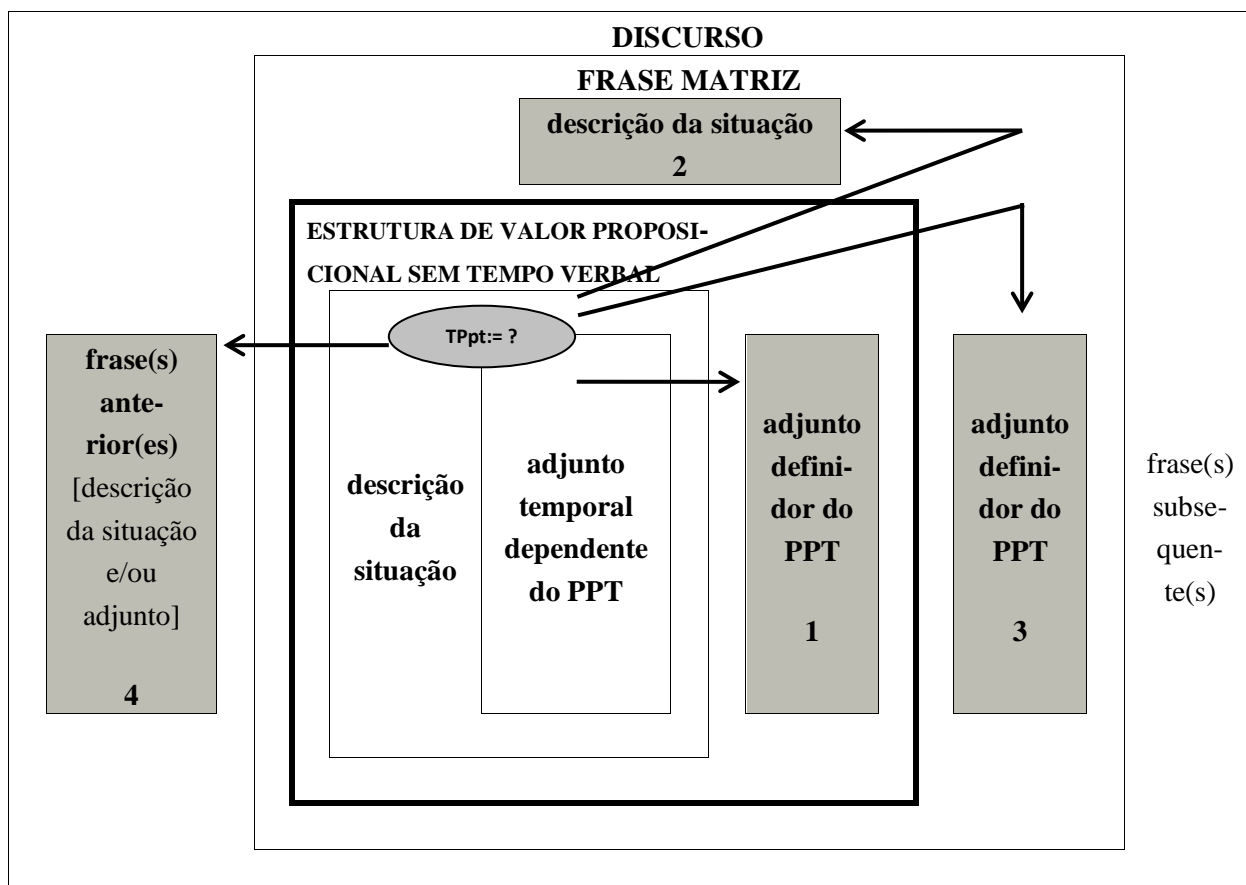


Figura 2. Mecanismos de definição de pontos de perspectiva temporal em estruturas proposicionais sem tempo verbal (contendo adjuntos temporais dependentes do PPT)

4.2. Dependências dêicticas (i.e. PPT presente)

Consideremos agora muito brevemente as dependências dêicticas em estruturas proposicionais sem tempo verbal. Essencialmente, interessa-me salientar aqui dois factos.

O primeiro é que o momento da enunciação pode funcionar como PPT para estruturas oracionais sem tempo verbal (*tense*), apesar da ausência deste elemento gramatical. Naturalmente, a interpretação dêictica pode ser tornada explícita – embora tal não seja obrigatório – através de adjuntos temporais como *actualmente*, dentro da estrutura proposicional reduzida. Veja-se:

- (28) [*Actualmente*] *Em guerra {há trinta anos / desde 1980}*, no final da década, este país já terá possivelmente realizado eleições livres e estará pacificado.

Nesta sequência, existe um PPT presente para a estrutura proposicional sem verbo (interpretação reforçável por *actualmente*) e um PPT futuro para a oração matriz, conforme decorre do uso das formas *terá realizado* e *estará*, o qual é definido pelo

adjunto *no final da década*. Como este exemplo mostra, o PPT da estrutura proposicional sem verbo e o PPT da oração matriz não têm de coincidir.

O segundo facto a registar é que uma interpretação dêictica (i.e. com um PPT presente) parece estar sempre disponível para estruturas proposicionais sem tempo verbal, frequentemente em competição com uma interpretação anafórica, a não ser nalguns contextos específicos (que deixo para investigação posterior) nomeadamente e.g.

- (i) quando um adjunto definidor do PPT (não presente) ocorre dentro da estrutura proposicional tempo verbal (já que o adjunto em causa fixa obrigatoriamente o PPT)

(29) *Em guerra {há trinta anos / desde 1980} quando a ONU interveio,*
no final da década, este país já terá possivelmente realizado eleições
livres e estará pacificado.

[*interpretação dêictica / ^{OK} interpretação anafórica]

- (ii) quando um adjunto definidor do PPT (não presente) ocorre na oração matriz e a estrutura proposicional tempo verbal é colocada em posição inicial [pré-sujeito] (já que o adjunto em causa fixa obrigatoriamente o PPT)¹³

(30) *No ano 2000, em guerra {há trinta anos / desde 1980},* o país estava
em risco de ter de declarar bancarrota.

[*interpretação dêictica / ^{OK} interpretação anafórica]

5. Conclusões

Como tentei mostrar neste trabalho, a interpretação de um subgrupo de adjuntos temporais parece depender directamente de um ponto de perspectiva temporal, de modo semelhante ao que acontece com os tempos verbais (*tenses*). Quando esse adjuntos ocorrem em estruturas com tempos verbais, o PPT que eles requerem e o PPT que os tempos verbais requerem parecem coincidir, donde – em termos de processamento – faz sentido postular um mecanismo simples que estabeleça a sua identidade. Porém, quando esses adjuntos ocorrem em estruturas proposicionais sem tempo verbal, como acontece nas sequências aqui discutidas, o PPT que eles (discutivelmente) requerem não pode ser definido através do tempo verbal (que não existe), mas tem antes de ser definido

¹³ Uma interpretação dêictica, com um PPT presente para a estrutura proposicional sem verbo, é possível com essa estrutura na posição pós-sujeito: *no ano 2000, o país, em guerra {há trinta anos / desde 1980}, estava em risco de ter de declarar bancarrota* (^{OK}interpretação dêictica / ^{OK} interpretação anafórica – cf. possibilidade de fazer preceder a expressão *em guerra* por *actualmente* ou por *então*).

autonomamente, usando mecanismos, com diferentes particularidades gramaticais, que foram o objecto de análise neste texto.

Sublinhe-se, para terminar, que os dados aqui apresentados podem ser vistos por um ângulo ligeiramente distinto, com impacto na formulação de regras de construção de DRSs, mais concretamente, assumindo que a necessidade de um PPT (i.e. um ponto a partir do qual as situações são perspectivadas, consubstanciado na instrução «Choose TPpt», da DRT) é uma propriedade geral de todas as estruturas de valor proposicional (i.e. constituintes que identificam situações ou estados-de-coisas)^{14,15} e não apenas de frases plenas (com tempo verbal). A necessidade de selecção de um PPT é óbvia em frases plenas, facto abundantemente explorado na literatura Reichenbachiana, e aí pode ser considerada essencialmente dependente do traço TP (*temporal perspective*) do tempo verbal, como no sistema de Kamp e Reyle (1993). Em estruturas proposicionais sem tempo verbal, essa necessidade também pode ser defendida, dada a possibilidade de uso de adjuntos dependentes que aqui foi discutida; nestas estruturas, a selecção do PPT é obviamente independente do tempo verbal, requerendo antes mecanismos dêictico-anafóricos complexos (discutidos em 4 acima), que são – como seria aliás de esperar – comparáveis àqueles que são requeridos pelos tempos verbais, onde eles ocorrem – e.g. um PPT passado é definido por adjuntos ou por descrições de situações em posições próximas (acessíveis).

Referências

- Alves, Ana Teresa (2003) *Sobre a localização temporal adverbial anafórica em português*. Dissertação de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Bell, Allan (1991) News stories as narratives. In A. Jaworski e N. Coupland (eds.) *The discourse reader*. London / New York: Routledge, 1999 (reimpressão a partir de um livro de 1991).
- Borillo, Andrée (1983) Les adverbes de reference temporelle dans la phrase et dans le texte. *DRLAV Revue de Linguistique* 29, pp. 109-131.
- Declerck, Renaat (1991) *Tense in English. Its structure and use in discourse*. London / New York: Routledge.
- Dowty, David (1986) The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics? *Linguistics and Philosophy* 9, pp. 37-61.

¹⁴ Com possivelmente algumas excepções, e.g. frases genéricas atemporais.

¹⁵ Possivelmente, os pontos de perspectiva temporais também são relevantes para (pelo menos alguns) sintagmas nominais situacionais. Veja-se:

- (i) *A permanência de tropas no território {desde 1980 / há três meses}* foi agora discutida.
- (ii) Recordo-me bem das cimeiras do final do ano passado. *A permanência de tropas no território {desde 1980 / há/havia três meses}* foi discutida na altura.

- Hitzeman, Janet, Marc Moens e Claire Grover (1995) Algorithms for analysing the temporal structure of discourse. In *Proceedings of the Annual Meeting of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*. Dublin, pp. 253-260.
- Huddleston, Rodney e Geoffrey Pullum (2002) *The Cambridge grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hwang, Chung Hee e Lenhart Schubert (1992) Tense trees as ‘fine structure’ of discourse. In *Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, pp. 232-240.
- Kamp, Hans e Uwe Reyle (1993) *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Kamp, Hans e Christian Rohrer (1983) Tense in texts. In Rainer Bäuerle, Christoph Schwarze e Arnim von Stechow (eds.) *Meaning, use, and interpretation of language*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, pp. 250-269.
- Lascarides, Alex e Nicholas Asher (1993) Temporal interpretation, discourse relations, and common sense entailment. *Linguistics and Philosophy* 16, pp. 437-493.
- Mani, Inderjeet, James Pustejovsky e Rob Gaizauskas (eds.) (2005) *The language of time. A reader*. New York: Oxford University Press.
- Móia, Telmo (1999) Semântica das expressões temporais com *haver*. In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, Vol. II. Braga: APL, pp. 219-238.
- Móia, Telmo (2000) *Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Móia, Telmo (2001) Temporal location of events and the distribution of the Romance counterparts of *since*-adverbials. In Joaquim Camps e Caroline Wiltshire (eds.) *Romance syntax, semantics and L2 acquisition. Selected papers from the 30th Linguistic Symposium on Romance Languages, Gainesville, Florida, February 2000*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 137-152.
- Móia, Telmo (2006) Portuguese expressions of duration and their English counterparts. *Journal of Portuguese Linguistics* 5 (1), pp. 37-73.
- Móia, Telmo (2011a) Expressões temporais com *haver*: gramaticalização e interpretação semântica. In *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados 2010. Porto 2010*. Lisboa: APL, pp. 401-419.
- Móia, Telmo (2011b) Sobre a expressão lexical da duração e da localização temporal em português. In Mathias Arden, Christian Märzhäuser e Benjamin Meisnitzer (eds.) *Linguística do português. Rumos e pontes*. München: Martin Meidenbauer Verlag, pp. 251-269.

- Peres, João Andrade (1993) Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese (first draft). *Cadernos de Semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Quirk, Randolph *et al.* (1985) *A comprehensive grammar of the English Language*. London: Longman.
- Reichenbach, Hans (1947) *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan.
- Song, Fei e Robin Cohen (1991) Tense interpretation in the context of narrative. In *Proceedings of the Ninth National Conference on Artificial Intelligence (AAAI-91)*. Menlo Park, CA: AAAI Press, pp. 131-136.
- Webber, Bonnie Lynn (1988) Tense as discourse anaphor. *Computational Linguistics* 14 (2), pp. 61-73.

Corpora

- [CCP] CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT / Público) disponível em <http://www.linguateca.pt/ACDC/>
- [BNC] British National Corpus, disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>